

P. Identificação e Caracterização de Tombamentos

Embora a atividade de Perfuração Marítima nos Blocos BM-PAMA-16 e BM-PAMA-17, na Bacia do Pará-Maranhão não represente danos ao Patrimônio Histórico e Arqueológico da Área de Influência da atividade, uma vez que a maioria dos sítios arqueológicos identificados na região e cadastrados junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) encontra-se em território continental, segundo as referências bibliográficas consultadas para este estudo, há indicação de localização de sítios em áreas litorâneas que devem ser considerados sob o aspecto do risco de acidente, que se caracteriza pelo derramamento de óleo, sem que nenhuma medida seja executada para evitar a aproximação e eventual contaminação da costa, de acordo com a modelagem de dispersão da mancha realizada para este estudo.

A descrição dos aspectos que caracterizam os tombamentos localizados no território atualmente composto pelos municípios da Área de Influência desta atividade vem em atendimento ao item constante no Termo de Referência CGPEG/DILIC/IBAMA Nº. 01/09 do Estudo de Impacto Ambiental e respectivo Relatório de Impacto Ambiental para a Atividade de Perfuração Marítima nos Blocos BM-PAMA-16 e BM-PAMA-17, na Bacia do Pará-Maranhão.

a) A Arqueologia Regional

O conhecimento arqueológico das regiões norte e nordeste ainda é considerado insipiente e as pesquisas, em muitos casos, estudam sítios isolados. Este fato é resultado da falta de conhecimento básico sobre a arqueologia de muitas regiões da Amazônia, visto que o estudo de algumas áreas da região, principalmente a bacia do Baixo Amazonas, foi priorizado em detrimento de outras, como as áreas mais afastadas do curso principal do Amazonas e seus grandes afluentes (Neves, 2006). Devido a esse tipo de abordagem, os dados disponíveis mostram-se incompletos, dificultando o delineamento de um quadro regional mais amplo. Para traçar um quadro da arqueologia na Área de Influência da atividade, a região em estudo encontra-se restrita aos estados do Pará, Maranhão e Ceará.

Para o caso específico do litoral os dados são pouco confiáveis, segundo Martin (1997), visto que existem grandes extensões de praias e restingas pouco exploradas arqueologicamente e os dados existentes são fragmentados.

Os grupos humanos mais antigos que chegaram à região amazônica possuem cronologias superiores a 11.000 anos A.P., sendo, em alguns casos, ocupações que contavam com

populações de milhares de pessoas (Neves, 2006). Estas datas podem ser ainda mais antigas. Conclui-se, portanto, que a floresta amazônica possui diversos sítios arqueológicos ainda por serem descobertos.

As datações mais antigas obtidas na Amazônia encontram-se ao redor de 10.000 e 11.200 A.P., na caverna da Pedra Pintada, localizada no município de Monte Alegre, interior do Pará, onde foram encontrados vestígios de uma densa ocupação de caçadores, pescadores e coletores que deixaram instrumentos de pedra lascada, como milhares de lascas e várias pontas de dardo bifaciais, bem como lesmas unifaciais (Prous, 2006), além de fragmentos de pontas de lanças e restos de fogueiras. Também foi encontrada uma grande quantidade de restos alimentares, como coquinhos, sementes de pitomba e castanhas-do-pará (Gaspar, 2007). Estes vestígios mostram que esse grupo possuía uma economia diversificada, baseada na exploração de diferentes recursos, como a caça de animais de pequeno porte, a pesca e a coleta. Este abrigo também apresenta pinturas rupestres que podem ter sido elaboradas nesta mesma época.

O estado do Pará, de acordo com Gaspar (2007) possui a maior concentração de figuras rupestres da Amazônia brasileira. Várias pinturas e gravuras da região são conhecidas desde o século XVII, entretanto, as pesquisas sistemáticas sobre o tema iniciaram-se apenas no final da década de 1980.

De acordo com Neves (2006), apesar da escassez de dados, observa-se um padrão, no que se refere à economia dos primeiros habitantes da Amazônia. Nota-se que estes povos possuíam uma estratégia de exploração de recursos que valorizava a biodiversidade da região. Estes grupos utilizavam, provavelmente, diferentes matérias-primas para a produção de seus artefatos. Entretanto, devido às condições desfavoráveis para a preservação de materiais orgânicos, restaram apenas instrumentos de pedra lascada e polida. Em alguns sítios antigos, foram identificadas pontas de projétil bifaciais, produzidas em quartzo e sílex (Figura 5.3-51).



Figura 5.3-51. Pontas de lança ou flecha produzidas por lascamento, de vários tipos de rochas. (Acervo Museu Nacional) Gaspar, 2007.

De acordo com Funari & Noelli (2002), o estudo da ocupação do litoral, em períodos mais recuados, encontra-se prejudicado em decorrência do aumento do nível do mar no período

holocênico, o que fez com que a costa atual se encontre muitos quilômetros a oeste em relação ao cenário de alguns milhares de anos atrás, certamente tendo encoberto ou destruído sítios litorâneos mais antigos, quando áreas marinhas expostas em datas mais recuadas foram encobertas e localizam-se, atualmente, abaixo do nível do mar, submersas. Segundo estes autores, a ocupação do litoral amazônico e do baixo rio Amazonas ocorreu ao redor de 8.000 A.P., com sítios do tipo sambaqui, que serão caracterizados mais adiante. As sequências de ocupação na Amazônia mostram sinais de mudanças gradativas, o que indica o desenvolvimento de diferentes processos em termos de descobertas e adaptações para a subsistência destes grupos e no desenvolvimento da cultura material (Roosevelt, 2006).

No que diz respeito ao estudo da ocupação humana, a bacia amazônica é dividida em quatro compartimentos, distribuídos de oeste para leste. O compartimento que diz respeito a este estudo é o que inclui as zonas de estuário e litoral, incluindo partes do Amapá, Pará e Maranhão. Neste compartimento foram identificados sítios arqueológicos com algumas das cerâmicas mais antigas da América do Sul (Prous, 2006), datadas de pelo menos 5.000 anos, possivelmente 7.000 anos A.P.. Prous também acredita que o cultivo de mandioca é originário desta região, cuja datação deve se remeter há, aproximadamente, 4.000 anos A.P.

Foi nessa região, ainda, que surgiu uma das civilizações pré-coloniais mais conhecidas da Amazônia – a civilização marajoara. Esta civilização produziu cerâmicas pintadas e decoradas com complexos padrões de pintura, além de modelagens que representam homens e animais, datadas de 1600 anos A.P. (Gaspar, 2007). A cerâmica produzida na ilha de Marajó, no Pará, apresenta uma diversidade de artefatos que impressiona pelo fino acabamento e pela pintura policroma, com amplo uso das cores vermelha, preta e branca (Figuras 5.3-52 e 5.3-53). Esta civilização produziu urnas funerárias, tigelas, pratos, vasos, estatuetas e tangas feitas de argila. Essa cerâmica pertence à Tradição Policroma (Subtradição Marajoara) (Prous, 2006).



Figura 5.3-52. Estatueta e tigela Marajoara (Acervo do Museu Nacional) (Gaspar, 2007).



Figura 5.3-53. Tigela e vasilhames Marajoara (Acervo do Museu Nacional) (Gaspar, 2007).

A sociedade Marajoara construiu uma grande quantidade de tesos, grandes aterros artificiais, que ficavam poucos metros acima do nível do mar, e que protegiam determinados locais das inundações que ocorrem no estuário do rio Amazonas. Estes aterros localizavam-se na parte oriental da ilha (Neves, 2000), alinhando-se, às dezenas, ao longo dos principais rios da região e ao redor do lago Arari (Prous, 2006). Alguns destes aterros alcançam mais de 200m de comprimento e podem ultrapassar 6m de altura, com largura variando entre 8 e 15m. Muitos apresentam dois patamares no topo e talvez ambos fossem habitados ou, ainda, um deles seria um espaço comunitário ou dedicado aos cultivos. Em alguns desses tesos foram recuperados objetos associados a rituais funerários, como urnas funerárias contendo ossos humanos,

pequenos vasos, estatuetas, bancos, artefatos em pedra, bem como tangas triangulares, pingentes e colares, o que levanta a possibilidade de que esses aterros fossem locais cerimoniais. Esses objetos foram decorados com elementos de corpos de animais combinados com seres humanos. Esta transformação de homens em animais ainda hoje é encontrada na mitologia amazônica (Gaspar, 2007).

Outra cultura localizada na planície litorânea amazônica é a Aristé, cujos cemitérios são repletos de vasos, machados de pedra, colares e objetos que parecem ter sido trocados com vários grupos regionais. A cerimônia fúnebre era realizada em abrigos rochosos onde eram depositados os objetos rituais. As urnas funerárias Aristé representavam rostos humanos com detalhes modelados, com a presença de duas figuras e eram decorados com padrões geométricos em vermelho, preto e branco.

No Maranhão, mais precisamente no baixo curso do rio Pindaré, que deságua no golfo maranhense, de acordo com Prous (2006), no início do século XX foi evidenciada a existência de diversos sítios arqueológicos. No fundo das lagoas rasas da região foram coletados milhares de cacos cerâmicos, com características bem marcantes, como impressões de folhas e de cestaria e com apêndices zoomorfos. Também foram registradas lâminas de machado de pedra e pequenas esculturas de rãs, em pedra verde, conhecidas como *muirakitãs* (Figura 5.3-44). Este fato sugere uma influência de culturas amazônicas na região.



Figura 5.3-54. *Muirakitã* e escultura em forma de peixe, feita em xisto, encontrados na Amazônia (Acervo do Museu Nacional) (Gaspar, 2007).

Apesar das poucas informações acerca da ocupação do litoral nordestino e das grandes extensões de praias e restingas pouco exploradas, foram identificados, dentro da Área de Influência da atividade, assentamentos em sambaquis no Maranhão e no Pará. No Ceará, no que

tange à Arqueologia, as informações são ainda mais precárias. Provavelmente, a maioria destes sítios foi parcial ou totalmente destruída em decorrência da construção civil, bem como pela retirada ilegal de areia e pela construção de estradas, sem o devido cuidado de uma pesquisa prévia Martin (1997).

Os sambaquis são elevações artificiais construídas por pescadores-coletores, constituídas por inúmeras camadas formadas, principalmente, pelo acúmulo de conchas de moluscos, bem como ossos de peixes, mamíferos, aves e répteis, restos de fogueira, além de adornos e esculturas, como os sambaquis encontrados no litoral de São Paulo e Santa Catarina, onde alguns alcançaram até 30 m de altura. Eram utilizados por estes grupos como moradia e para enterramentos. Estão localizados, geralmente, em áreas próximas ao mar, dunas, restingas e mangues (Prous, 1992).

As primeiras informações acerca da existência de sambaquis no Pará são provenientes de relatos de viajantes dos séculos XVIII e XIX, que mencionaram ter encontrado sambaquis “desde a margem do rio Trombetas, passando pelo baixo Amazonas, baixo Tocantins e arquipélago de Marajó, chegando até o litoral nordeste do Pará, ou zona do Salgado, que se estende da baía de Marajó até a foz do rio Gurupi” (Silveira & Schaan, 2005). Segundo as autoras, quase todos esses sambaquis foram destruídos parcial ou completamente, entre os séculos XVIII e XIX, para utilização dos depósitos de conchas em indústrias de cal, utilizada para a construção civil e estradas.

Entre as décadas de 60 e 70 foi feito um extenso levantamento por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi na região do Salgado, que registrou 62 sítios arqueológicos na área. Entre eles, havia 46 sambaquis, sendo que 43 encontravam-se parcialmente destruídos e apenas 3 encontravam-se bem preservados. Os sambaquis possuíam forma ovalada e dimensões variando entre 25 por 30 m e 130 por 170 m e neles foram encontradas variadas espécies de moluscos, algumas espécies de peixes e crustáceos e poucos ossos de animais da fauna terrestre.

Nos sambaquis preservados, além de restos faunísticos, foram encontrados fragmentos de cerâmica e enterramentos, sendo um deles associado a alguns artefatos, como uma lâmina de machado lítico. Nestes sambaquis foram encontrados poucos artefatos líticos, como lâminas de machado polidas, quebra-coquinhos, trituradores, facas e raspadores, além de colares de contas e brincos feitos de conchas, vértebras de tubarão e ossos de peixes, bem como dentes de felinos que podem também ter sido utilizados como ornamentos (Silveira & Schaan, 2005).

Estes sambaquis foram datados de 5.165 A.P. (Sambaqui Porto da Mina) e 4.550 A.P. (Sambaqui Ponta de Pedras).

Conclui-se que diversos grupos humanos ocuparam de forma permanente áreas não alagadas junto aos manguezais da costa nordeste do Pará, sobrevivendo de recursos do mar e do mangue e produzindo vasilhas cerâmicas. A ocorrência dos enterramentos sugere a hipótese de uma ocupação relativamente densa na área.

Na ilha de Marajó também foi registrada a ocorrência de sambaquis, a partir de fontes dos séculos XIX e XX. Recentemente, foram identificados dois sambaquis no município de Cachoeira do Arari, SE da ilha. (Silveira & Schaan, 2005). O sambaqui Fazenda São José encontra-se bastante destruído. Já o sambaqui do Bacabal, é composto de diversas colinas com 2 a 3 m de altura, que se estendem por 50 m e com largura variando entre 6 e 8 m. Em sua superfície foram encontrados fragmentos de conchas e cerâmica. Também foram localizados sambaquis nos municípios de Currealinho e Melgaço.

A descoberta destes sambaquis indica a possibilidade de existência de muitos outros sítios no arquipélago, visto que ao longo de toda a costa marajoara existem mangues, o que poderia favorecer a ocupação por grupos sedentários. Mistura de argila e areia à argamassa de conchas tem sido observada em várias construções do período colonial na região, como na igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Joanes, construída no século XVII.

No litoral do Maranhão também foi notificada a ocorrência de sambaquis. Apesar da falta de pesquisas intensivas na região, a equipe de pesquisadores do Projeto São Luís, na década de 70, identificou oito sambaquis no litoral da ilha de São Luís, sendo que, apenas dois não haviam sido destruídos (Bandeira, 2008). As datações do sambaqui da Maiobinha encontram-se entre 2.526 a 2686 anos A.P. e do sambaqui Guaíba entre 2.090 a 1.245 A.P. Em ambos foi encontrada uma grande variedade de espécies de moluscos, vértebras de peixes e ossos de animais, bem como fragmentos cerâmicos e restos de fogueiras. Também foram encontrados dois sepultamentos com contas de colar, no sambaqui da Maiobinha.

Segundo os pesquisadores, o grupo que habitava este sambaqui era perfeitamente adaptado ao ambiente marinho e sua subsistência era suportada pela coleta de moluscos e peixes, além de possuírem nível cultural comprovado pelos traços de sua cerâmica.

Outra pesquisa foi efetuada em na ilha de São Luís, a partir de 2006, o Projeto Sambaqui do Bacanga, localizado no Parque Estadual do Bacanga, com o objetivo de caracterizar o perfil sócio-cultural dos grupos humanos que habitaram esse sítio. Foi evidenciada cerâmica associada ao preparo e consumo de alimentos, doze estruturas de combustão (fogueiras), além de restos alimentares e grande quantidade de carvão.

No litoral do Ceará, até o presente momento, não foi relatada a ocorrência de sambaquis.

Para o levantamento do panorama arqueológico da região foi feito um levantamento com base no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), do IPHAN (IPHAN, 2009), para a identificação de sítios na Área de Influência da atividade.

Na região estudada, foram identificados, de acordo com o CNSA, 17 sítios arqueológicos em área continental.

Os sítios estão concentrados nos municípios de Camocim (9), Acaraú (1) e Itarema (5), no estado do Ceará e em Bragança (2), no estado do Pará.

Segundo dados do IPHAN, os demais municípios da área em estudo – Augusto Corrêa, no Pará; e Raposa, no Maranhão – não apresentam registros de ocorrência de sítios arqueológicos até o presente momento.

Para montar um quadro com o panorama arqueológico da área em questão, foi feito um levantamento, com base no CNSA do IPHAN, que identificasse a natureza de cada sítio, mas que mantivesse o foco na faixa litorânea, delineando não somente o contexto arqueológico, como tentando identificar os sítios que pudessem estar próximos de águas marítimas e passíveis de serem atingidos por um eventual derramamento de óleo ou acidentes similares.

Para a definição da localização dos sítios, partiu-se do princípio de que a faixa litorânea é formada pelo cordão de praia e pelo ecossistema de transição, ou seja, mangues ou áreas de restinga, sujeitas em maior ou menor grau à influência das marés. Os sítios arqueológicos localizados fora dessa faixa de ação e sem contato com o mar não sofrem nenhum tipo de ameaça que possa ser ocasionada por essa atividade, mesmo que estejam inseridos no território dos municípios relacionados à atividade.

Do total de dezessete sítios arqueológicos contabilizados, de acordo com as informações levantadas, nenhum se encontra na faixa litorânea. Estas informações, entretanto, não são precisas, uma vez que muitos registros não especificam a distância dos sítios em relação à costa ou, ainda, apresentam dados muito subjetivos em relação ao contexto no qual esses sítios estão inseridos.

Os sítios identificados enquadram-se na categoria pré-histórico ou pré-colonial, predominando os dos tipos habitação, acampamento e os de arte rupestre (Figuras 5.3-55 e 5.3-56). A listagem desses sítios arqueológicos pode ser observada no Quadro 5.3-55



Figura 5.3-55. Bloco de granito com conjunto de gravuras espalhadas em área de 54m², localizado em Anapu (PA) (Gaspar, 2007).



Figura 5.3-56. Paredão rochoso com 350m de extensão, coberto com pinturas rupestres, nas cercanias de Monte Alegre (PA) (Gaspar, 2007).

Quadro 5.3-55. Relação dos Sítios Arqueológicos Cadastrados pelo IPHAN na Área de Influência da Atividade. (continua...)

MUNICÍPIO	SÍTIO	DESCRIÇÃO	DOC. CARTOGRÁF.	ÁREA	CATEGORIA/ TIPO	ESTRUTURAS E ARTEFATOS	CONSERVAÇÃO E USO ATUAL	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL
Bragança (PA)	Recreio (PA00557)	Sítio cerâmico	-	80000 m ²	Unicomponencial Pré-Colonial / Habitação (duração indeterminada)	Lítico polido, cerâmica	Plantio	CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi
Bragança (PA)	São Vitor (PA00589)	Sítio cerâmico	-	3158 m ²	Unicomponencial Pré-Colonial/ Habitação (duração indeterminada)	Lítico polido, cerâmica, Núcleos e lascas	Plantio	CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi
Camocim (CE)	Lago Azul (CE00107)	A céu aberto, com material lítico, cerâmico e histórico.	Camocim AS - 24 - Y - A - VI	-	Multicomponencial de contato Pré-Colonial / Acampamento	Lítico lascado, cerâmica	Balneário	Maria Conceição Soares Meneses Lage/ Ana Clélia Nascimento
Camocim (CE)	Lagoa dos Tanques de Baixo I (CE00108)	Bloco isolado, em gnaisse, com pintura em uma área abrigada, voltada para norte, com depósitos microbiológicos.	Bitupitá - AS 24 - Y - A - V	-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre	Pintura	Pedreira	Maria Conceição Soares Meneses Lage/ Ana Clélia Nascimento
Camocim (CE)	Lagoa dos Tanques de Baixo II (CE00103)	Blocos isolados, com pinturas nas áreas não abrigadas; sobre gnaisse, estão em estado vestigial.	Bitupitá AS 24-4-A-V	-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre	Pintura	Pedreira	Maria Conceição Soares Meneses Lage/ Ana Clélia Nascimento

Quadro 5.3-55. Relação dos Sítios Arqueológicos Cadastrados pelo IPHAN na Área de Influência da Atividade. (continua...)

MUNICÍPIO	SÍTIO	DESCRIÇÃO	DOC. CARTOGRÁF.	ÁREA	CATEGORIA/ TIPO	ESTRUTURAS E ARTEFATOS	CONSERVAÇÃO E USO ATUAL	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL
Camocim (CE)	Pedra do Lagarto (CE00104)	Três blocos isolados em gnaiss, com pinturas raras em vermelho, a maior parte em estado vestigial, destacando-se a figura que dá nome ao sítio.	Bitupitá, AS - 24 - 4 - A - V	-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre	Pintura	Pedreira	Maria Conceição Soares Meneses Lage/ Ana Clélia Nascimento
Camocim (CE)	Pedra do Salão (CE00106)	Blocos isolados, em gnaiss, com registros gráficos em finos traços vermelhos, em melhor estado de conservação que os demais sítios. Estão situados na face sudeste.	Bitupitá, AS - 24 - Y - A - V	-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre	Pintura	Pedreira	Maria Conceição Soares Meneses Lage/ Ana Clélia Nascimento
Camocim (CE)	Pedra dos Urubus (CE00109)	Bloco em gnaiss, com um único grafismo puro, atualmente ainda perceptível, localizado na face noroeste.	Bitupitá - AS - 24 - Y - A - V	-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre	Pintura	Pedreira	Maria Conceição Soares Meneses Lage/ Ana Clélia Nascimento
Camocim (CE)	Sítio Lagoa das Pedras (CE00032)	Conjunto de seis blocos com pinturas em vermelho		-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre	Pintura	Balneário	

Quadro 5.3-55. Relação dos Sítios Arqueológicos Cadastrados pelo IPHAN na Área de Influência da Atividade. (continua...)

MUNICÍPIO	SÍTIO	DESCRIÇÃO	DOC. CARTOGRÁF.	ÁREA	CATEGORIA/ TIPO	ESTRUTURAS E ARTEFATOS	CONSERVAÇÃO E USO ATUAL	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL
Camocim (CE)	Sítio Lagoa das Pedras (CE00078)	Conjunto de seis blocos com pinturas em vermelho.		-				
Camocim (CE)	Tanque do Socó (CE00105)	Quatro blocos em gnaíse, isolados, agrupados dois a dois, com pinturas em vermelho, quase imperceptíveis, recobertas por musgo preto.	Bitupitá, As 24 - 4 - A - V	-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre	Pintura		Maria Conceição Soares Meneses Lage/ Ana Clélia Nascimento
Acaraú (CE)	Serrote do Rola (CE00043)	Paredão rochoso com pinturas e gravuras.		-	Unicomponencial de contato Pré-Colonial / Arte rupestre			
Itarema (CE)	Lagoa Luís de Barros (CE00069)	Sítio lito-cerâmico localizado nas dunas móveis, próximo a Lagoa de Barros.	SUDENE - folhas As. 24-Y-B-V	80 m ²	Multicomponencial Pré-Colonial /Habitação (duração indeterminada)	De combustão (fogueira,forno, fogão); manchas pretas / conchas carvões, frag. de arcada dentária humana, cerâmica e lítico lascado	Pasto; plantio	Projeto Arqueológico Tremembé - Ceará - Brasil

Quadro 5.3-55. Relação dos Sítios Arqueológicos Cadastrados pelo IPHAN na Área de Influência da Atividade. (continuação)

MUNICÍPIO	SÍTIO	DESCRIÇÃO	DOC. CARTOGRÁF.	ÁREA	CATEGORIA/ TIPO	ESTRUTURAS E ARTEFATOS	CONSERVAÇÃO E USO ATUAL	INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL
Itarema (CE)	Sítio Lagoa Luís de Barros (CE00079)	A céu aberto, entre dunas. Cerâmica, artefatos líticos de bom acabamento, em sílex, material malacológico, ósseo e vegetal (resina).	Itarema, AS.24-Y-B-V	45000 m ²	Multicomponencial Pré-Colonial / Acampamento	De combustão (fogueira, forno, fogão) / lítico lascado; cerâmica	Via publica	4ª SR - IPHAN
Itarema (CE)	Sítio Lagoa da Batedeira (CE00033)	A céu aberto, entre dunas. Material malacológico, lítico, cerâmico e fogueiras.	Macau	1381.5 m ²	Unicomponencial Pré-Colonial / Oficina lítica	Lítico lascado	Passagem do gasoduto	Pesquisa arqueológica na área de Intervenção do Polduto/Petrobrás Guamaré(RN)-Pecém(CE).
Itarema (CE)	Lagoa da Batedeira (CE00070)	Sítio lito-cerâmico localizado nas dunas móveis, próximo a Lagoa da Batedeira.	SUDENE - folhas As. 24-Y-B-V	100 m ²	Multicomponencial Pré-Colonial / Habitação (ocupação permanente)	De combustão (fogueira, forno, fogão); manchas pretas / conchas e lítico lascado	Pasto; plantio	Projeto Arqueológico Tremembé - Ceará - Brasil
Itarema (CE)	Sítio Lagoa da Batedeira (CE00079)	A céu aberto, entre dunas. Material malacológico, lítico, cerâmico e fogueiras.	Itarema, AS.24-Y-B-V	-	Multicomponencial Pré-Colonial / Acampamento	De combustão (fogueira, forno, fogão) / lítico lascado; cerâmica	Via publica	4ª SR - IPHAN

Fonte: Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN – CNSA, 2009.

b) Caracterização de Tombamentos

Nas áreas costeiras dos municípios da Área de Influência da atividade não há nenhum registro de Sítios do Patrimônio Mundial Natural ou de Reservas da Biosfera.

Para o levantamento de bens tombados na esfera federal do patrimônio histórico e cultural dos municípios que fazem parte da Área de Influência da atividade, foi consultado o cadastro de bens tombados do Arquivo Noronha Santos, do IPHAN (IPHAN, 2009).

Foi encontrado neste arquivo apenas um registro de bem tombado no município de Acaraú, no Ceará, não tendo sido encontrada nenhuma outra ocorrência de bem tombado na esfera federal para os demais municípios que compõe este estudo. As informações sobre este bem tombado podem ser observadas no Quadro 5.3-56, a seguir:

Quadro 5.3-56. Relação de Bens Tombados na Esfera Federal na Área de Influência da Atividade.

BEM TOMBADO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	TOMBAMENTO
Igreja de N. Sra. da Conceição de Almofala	Distrito de Almofala, Acaraú, CE	Erguida no séc. XVIII, substituindo a antiga capela de taipa que se encontrava no local. A igreja foi soterrada pela areia em 1897. Em 1898, o Bispo da Província do Ceará autorizou a retirada e transferência do objetos de culto de seu interior, para a capela de N. Sra. dos Navegantes, em Itarema. Após 40 anos, os ventos a descobriram, revelando a estrutura de alvenaria. Em 1944, as imagens retornaram ao templo e em 1947 foi realizada uma reforma. A igreja foi tombada pelo SPHAN em 1980 e restaurada em 1983. A construção foi realizada em tijolos, argila, cal e búzios colhidos no litoral. A igreja possui frontão triangular decorado com volutas e um nicho para imagem no centro. A torre possui formato retangular e cúpula circundada por pináculos, em formato octagonal. A igreja possui nave; capela-mor; um corredor lateral, de cada lado da nave; sacristia; além do acesso à torre. Entre as imagens sacras temos: N. Sra. da Conceição; N. Sra. do Rosário; S. José e S. Miguel.	Livro Histórico Inscrição: 471 e Livro de Belas Artes Inscrição: 536 Data: 18-4-1980 Nº. processo: 0652-T-62

Fonte: Arquivo Noronha Santos – IPHAN, 2009.

Em relação ao levantamento dos bens tombados na esfera estadual do patrimônio histórico e cultural dos municípios que compõem a Área de Influência da atividade, foram consultadas a Secretaria da Cultura do Ceará, a Secretaria de Estado da Cultura do Pará e a Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão. De acordo com estas secretarias, foram encontrados apenas dois registros de bens tombados no município de Bragança, no Pará. Não foi encontrada nenhuma outra ocorrência de bens tombados na esfera estadual para os demais municípios que compõe este estudo. A listagem destes bens se encontra no Quadro 5.3-57, a seguir.

Quadro 5.3-57. Relação de Bens Tombados na Esfera Estadual na Área de Influência da Atividade.

BEM TOMBADO	LOCALIZAÇÃO	DESCRIÇÃO	TOMBAMENTO NO DIÁRIO OFICIAL
Imóvel de Sebastiana Vanda Fernandes de Medeiros	Rua 13 de Maio, nº 622, Bragança, PA	-	15.09.1999
Igreja de São Benedito	Praça 1º de Outubro, Bragança, PA	-	11.09.2006

Fonte: Livros de Tombo do DPHAC/SECULT, 2007. Secretaria de Estado da Cultura do Pará, 2009.